

ARTIGOS

O SIBILISMO JUDAICO.

CELINA RAMALHO ZANOTI

Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Assis (SP).

O *Sibilismo* sob o nosso enfoque constitui, sem sombra de dúvida, aquilo que se poderia chamar alicerce para solidificar a teologia fundamental e natural que a religião mosaica desejava abalizar nas almas dos gentios, sedentos do transcendente. Com isso queremos dizer que o expediente dos sibilistas constitui o primeiro degrau nas intenções de converter para si os interesses de um mundo espiritualmente já gasto e à procura de verdades que sua religião já cansada lhes não oferecia mais. Não podemos, porém, esconder as intenções sagazes e muito sábias de uma programação de planos lentos mas de indiscutível efeito e alcance: a conversão de todas as gentes. Com isso não só secundariam a missão que tinham em anunciar seu Deus e a Ele aproximariam os povos, como também reduzir as hostilidades que se lhes moviam por toda parte, máxime no mundo helenizado e em Roma também.

O método para uma partida redentora com fundos de profecias sibilinas, revela a inteligência e a prudência adotadas nos propósitos a serem atingidos. Sem o *Sibilismo* não haveria premissas para tão ousada empresa. A escriturística pouco ou nada valeria para converter os homens ao seu Deus e aos princípios da religião revelada. Era preciso servir-se de argumentos que a religião pagã oferecesse para incutir nos ouvintes a necessidade da admissão de um único Deus, de uma religião verdadeiramente divina, revelada, sobrenatural, universal, pela qual os homens poderiam sentir-se verdadeiramente irmãos.

Sobre a real eficiência deste tipo de literatura proselitica e seus possíveis resultados entre os ávidos leitores, não temos fonte em que nos apoiar para afirmar ter atingido ela o alvo desejado; contudo, as volumosas coletâneas destas profecias sibilinas fazem crer que tal fato se dera, pois, do contrário, não se explicaria a firme persistência dos judeus em cultivá-la e ampliá-la sempre mais.

Do acima exposto e no corpo do presente trabalho auferir-se-ão as intenções fecundas dos sibilistas nos seus propósitos, bem como o nosso intento em alinhar o devir e a essência desta literatura que, pela universalidade dos seus propósitos reflete a inteligência de um povo que a História marcou nos seus fluxos e refluxos e nos seus altos e baixos.

Por fim, confessamos a dificuldade que tivemos no campo de uma bibliografia específica quase inexistente em nossas Bibliotecas, devendo ressaltar que o conteúdo do presente trabalho consubstancia a temática que nos propusemos e cujas fontes buscamos na modesta bibliografia que vai citada em notas.

* * *

*

I. — A SIBILA.

O trabalho sobre *O Sibilismo judaico* não podia dispensar umas considerações prévias acerca do termo “Sibila”, sua concepção, suas manifestações e sua relação com os oráculos. Nem poderíamos deixar de nos referir à distribuição geográfica destes seres que realizaram suas primeiras manifestações em lugares mais diferentes, e que do nome dos sítios em que atuavam receberam sua denominação por grupos distintos, como resultará logo mais adiante.

Para uma compreensão melhor da Literatura sibilina judaica era preciso também historiar um pouco a presença e a importância dos Livros sibilinos em Roma e de coleções de oráculos sibilinos que a tradição nos legou.

De fato, a *Sibila judaica* tem como modelo uma literatura há muito existente, e sem a qual os sibilistas, de certo, não teriam aberto precedente, visto terem se servido eles não já de uma inovação, mas de um gênero literário que se prende a datas remotas na Grécia e no mundo helenizado.

Os três primeiros capítulos, portanto, constituirão uma premissa e um ponto de partida para melhor compreensão do *Sibilismo judaico*, e, só assim poderemos compreender não já a trajetória como também o alcance desta literatura que os judeus, nos seus propósitos missionários assimilaram quanto ao gênero, dando-lhe embora um toque de características e intenções próprias.

200. Na sucinta exposição dos três tópicos anunciados (1. — *Sibila*, 2. — *Os Livros sibilinos em Roma*, 3. — *Coleções de oráculos sibi-*

linos), julgamos termos dado o essencial e se o muito que ainda poderia escrever-se não foi por nós abordado, prende-se ao fato de querer dar apenas o estritamente essencial, sem o risco de prejudicar a 4ª parte (*A Sibila judaica*) do nosso trabalho, que por escassez de bibliografia especializada redundou em pouco mais das três primeiras partes.

1.1. — A Sibila, cuja etimologia é desconhecida, é, na tradição clássica, uma virgem, mas, às vezes, também uma proveccta anciã, que, quando inspirada e tomada por Apolo, revela o futuro (1).

1.2. — A concepção da Sibila é algo de essencialmente popular, visto que todos os povos reconhecem à mulher uma maior receptividade, e, conseqüentemente, maior capacidade de submissão ao transe, que a torna possuída por um nume cuja vontade ela passa a manifestar (exprimir).

1.3. — Na Grécia, esta figura (da qual não há, porem, vestígios na religião olímpica) veio se desenvolvendo sob a influência do culto dionisíaco, que se caracterizava precisamente pela possessão demoníaca, originada pela Pítia, sacerdotisa do templo de Apolo em Delfos, a qual dava oráculos.

1.4. — A Sibila e a Pítia diferem entre si enquanto esta tem manifestações mais determinadas e mais controladas nos modos e efeitos, e aquela goza de maior liberdade de inspiração pessoal, não ligada necessariamente nem ao santuário nem ao sacerdócio.

1.5. — Com relação ao tipo de oráculos, a Sibila é uma profetisa de calamidades, e sob este aspecto a figura de Cassandra de Ésquiles lhe reproduz perfeitamente o tipo.

Este fato se explica se tomarmos em conta o seu caráter popular, visto que o povo anda sempre preocupado com o mal que pode atingi-lo, e está sempre disposto a ouvir aquele que, predizendo-lhe, pode sugerir-lhe o modo de evita-lo.

1.6. — Apesar de ser única por conceito, a Sibila teve várias denominações locais, prendendo-se suas manifestações quase sempre a uma fonte sagrada ou a uma gruta.

1.7. — Varrão (2) fixa em dez o número das Sibilas, pretendendo dispo-las na seguinte ordem cronológica: 1. Pérsia, 2. Líbica,

(1). — Sérvio — *Ad Aen.* III, 45: "Sibylla dicitur omnis puella cuius pectus numen recipit".

(2). — Varrão, *cf.* Lactâncio — *Div. Inst.* I, 6.

3. Délfica, 4. Ciméria, 5. Eritréia, 6. Sâmia, 7. Cumana, 8. Helespôntica, 9. Frígia, 10. Tiburtina.

1. 8. — Geograficamente, com uma distribuição que tem também em conta o lugar onde se realizaram as primeiras manifestações da Sibila, podemos fixar três grupos distintos: greco-jônico, greco-italico, oriental.

*

Grupo greco-jônico.

1. — *Sibila Eritréia*, nascida em Eritre, onde se manifestava na gruta em que nascera. Seu nome é *Erofile*; era contemporânea da guerra de Troia, tendo vivido ao longo de dez gerações.

2. — *Sibila de Marpesso*, que tem muitos pontos de contacto com a precedente, quer pelo nome (*Erofile*), quer pelo lugar de suas manifestações (Marpesso, nas cercanias de Eritre), quer ainda por sua biografia.

É conhecida ainda sob a denominação de: *Gergítica*, *Troiana*, *Helespôntica*, *Frígia*.

3. — *Sibila de Samos*, num primeiro tempo identificada com *Erofile* de Eritre, teve, ao depois, personalidade distinta e nome próprio: *Fito* (Phyto). Teria vivido na XXIX Olimpíada, nos tempos de Numa, segundo rei de Roma.

4. — *Sibila Frígia*, a princípio idêntica à Eritréia, e só depois localizada em Âncira, com o nome de *Taraxandra*.

5. — *Sibila de Sardes*, chamada também *Efésia*. Não passa de um desdobramento de *Erofile* (n. 1) e da próxima também (n. 6).

6. — *Sibila Ródia* (ou *Rodense*).

7. — *Sibila Délfica*. Junto com uma tradição que ensinava ter *Erofile* chegado de Eritre a Delfos, contrariando assim a precedência e primazia de Apolo, criou-se uma Sibila indígena chamada *Dafne*, a qual teria assistido o oráculo ainda antes da chegada de Apolo para lá (3).

8. — *Sibila Tessálica*; é uma especificação da *Délfica* (n. 7).

9. — *Sibila Tesprózia*, localizada no Epiro, no gôlfo ambracien-se, mas não melhor identificavel.

(3). — Diod., IV, 66.



Grupo greco-italico.

10. — *Sibila Cumana*. É a mais conhecida, graças a Virgílio. É, fundamentalmente, a *Sibila Eritréia* (n. 1), levada a Cumas pelos colonos jônios, onde se tornou, favorecida por circunstâncias propícias, especialmente pelas relações daqueles colonos com Roma, independente, ao ponto de assumir um nome distinto: *Demo* ou *Demofile* (em Virgílio *Deifobe*).

11. — *Sibila Ciméria*. Em substância, é a própria *Cumana* (n. 10), mas cronologicamente posterior.

12. — *Sibila Itálica*.

13. — *Sibila Tiburtina*; ambas, especificações da *Cumana*.

14. — *Sibila Líbica*. Pausânias cita-a como sendo a mais antiga de todas, e Varrão da-lhe o segundo lugar no seu elenco. Contudo, ela é citada pela primeira vez por Eurípides.



Grupo oriental.

15. — *Sibila Egípcia*. Com toda certeza, idêntica à precedente (n. 14); Pausânias identifica-a com a *Caldaica* (n. 17).

16. — *Sibila Pérsica*. Não se tem dela notícias mais precisas; é identificada com a *Caldaica* (n. 17).

17. — *Sibila Caldaica ou Babilônica*. Desconhecida por Varrão. Veio gozar de prestígio em virtude do desenvolvimento da astrologia caldaica no mundo helenístico. É também chamada *Hebraica* com o nome específico de *Saba* ou *Sambete*.



II. — OS LIVROS SIBILINOS EM ROMA.

2.1. — A introdução e o uso, em Roma, dos livros sibilinos constituem a prova mais antiga da influência helênica que penetrara em Roma, partindo da Itália meridional e precisamente de Cumas — lugar célebre pelo culto de Apolo e pela presença da Sibila.

Esta introdução deve-se a Tarquínio Prisco (4) ou a Tarquínio-o-Soberbo (5).

Aulo Gélio (6) atribui a aquisição dos livros sibílinos a Tarquínio-o-Soberbo, ao qual se apresentara uma ançã oferecendo-lhe nove livros por alto preço. O rei recusara a compra por diversas vezes. A cada recusa, a ançã queimava três, insistindo ceder-lhe os restantes pela quantia que exigira anteriormente. Reduzidos assim a três apenas, o rei adquiriu-os e mandou que fossem guardados no templo capitolino e confiados à custódia de duúnviros primeiro, de decênviros depois, e, finalmente de quindecênviros *sacris faciundis*. A esta comissão caberia não só sua conservação mas também a consulta (*libros adire, libros inspicerere*), quando solicitada pelo próprio Senado.

2.2. — Destruídos pelo incêndio de 83 a.C., o Senado determinou sua reconstituição, enviando, para esse fim, uma comissão especial a todos os lugares, célebres pela presença de Sibilas (6a). A comissão voltou com mil versos que foram depositados, em 76, no templo capitolino já reconstruído.

Visto que lhes foram interpoladas falsificações de caráter político, Augusto submeteu a coleção daqueles versos a uma rigorosa revisão, dando-lhe por destino o novo templo que ele próprio mandara construir, no Palatino, em honra de Apolo (7).

As falsificações que circulavam em mãos de particulares, deviam, a mando do Imperador, serem entregues ao pretor urbano.

2.3. — Os versos sibílinos eram acrósticos quer por motivos mnemônicos quer ainda para lhes garantir a inalterabilidade (8).

Como exemplo podem servir os versos conservados por Flégon de Trales (9), relativos ao nascimento de dois hermafroditas, em 217 a.C., durante a segunda guerra púnica, cujo teor era propositadamente obscuro e genérico, para poder ser adaptado às mais várias circunstâncias.

(4). — Varrão, *cf.* Lactância — *Div. Inst.* I, 6.

(5). — Plínio — *Nat. Hist.* XIII, 88.

(6). — Tácito — *Annales*, VI, 12.

(6a). — *Ibidem*.

(7). — Suetônio — *Augustus*, 31.

(8). — Cícero — *De divinatione*, II, iii.

(9). — Flégon de Trales — *Mirab.* 10.

2.4. — Os livros sibilinos foram consultados durante toda a República e o Império até Juliano-Apóstata (10). Por volta de 400, Estilício ordenou que fossem queimados (11).

2.5. — Obedecendo ao espírito rigidamente legalista da religião romana, que abominava as manifestações entusiásticas do sentimento religioso, a Sibila reduziu-se, em Roma, nas mãos dos quindécenviros, à palavra escrita, e interpretada, sempre por ordem do Senado, por um colégio sacerdotal tecnicamente formado para esse fim, em casos que exigiam antes acalmar do que, propriamente, intensificar o fanatismo religioso: *ad deponendas potius quam ad suscipiendas religiones*.

Isso acontecia sobretudo durante as calamidades públicas (de todo tipo), quando importava aplacar a ira das divindades, restabelecendo assim a *pax deorum*.

Defato, os livros sibilinos foram consultados, ao todo, nove vezes, ligando-se o fato a fenômenos mais diversos: queda de meteoritos, terremotos, cataclismas, incêndios e carestia, remediáveis, sempre, pelo atendimento a expiações genéricas: súplicas, lustrações, lectistêrnios, sacrifícios expiatórios, edificações de templos.

* *
*

III. — COLEÇÕES DE ORÁCULOS SIBILINOS.

3.1. — Coleções de oráculos sibilinos deviam ter circulado bem cedo na época helenística. A crítica histórica admite a existência de, pelo menos, uma coleção desta natureza e, precisamente, aquela dos oráculos da Sibila Babilônica, ou Eritrêia.

Tais coleções, porem, chegaram logo às mãos dos judeus que delas se serviram com escopo apologético e para fins propagandísticos (missionários). Os oráculos da Sibila prestavam-se, como de encomenda, para insistir, no seu apostolado proselitico entre os gentios, na vetusta antiguidade e indiscutível autoridade daqueles textos que patenteavam a sabedoria do Povo Eleito em ter aceitado a fé monoteísta, cuja forma andavam difundindo no mundo helenístico e romano.

A difusão da fé monoteísta e a conversão total dos gentios estava, de resto, perfeitamente, nas perspectivas escatológicas mais nobres da

(10). — Amiano Marcelino, XXIII, 17.

(11). — Rutilio Namatiano, II, 52.

religião de Israel, preanunciada, aliás, já pelos Profetas, e secundada pelas gerações subsequentes.

O juízo final, por exemplo, e os conceitos apocalípticos refletiam a idéia básica da justiça de Deus, severo para que Nele não acredita e não pratica os preceitos da sua santa Lei. Nesta literatura, parenética e popular, porem, o problema que se punha não era tanto de querer demonstrar aos helenos a existência do único e verdadeiro Deus, quanto de explicar como os homens tivessem podido esquece-lo para se dar ao culto dos ídolos e a toda imoralidade.

O mesmo motivo, aliás, pode se encontrar na alexandrina *Sabedoria de Salomão* e, mais tarde, em São Paulo (12). Esta preocupação dava, de resto, continuidade à polêmica contra os ídolos sórdidos e insensíveis, cuja invenção já os grandes Profetas se propuseram a descrever com especial interesse e a condenar com veemência. O escopo precípua de terem recorrido os judeus ao expediente dos oráculos sibilinos, era, pois, unicamente aquele de mostrar a iminência do castigo divino, que ameaçava a humanidade pecadora e prevaricadora das leis naturais mais elementares.

A isso acrescia o desejo de corroborar com maior autoridade sua propaganda proselitica e despertar por aqueles escritos interesse e curiosidade em círculo sempre maior de leitores. Daqui depreende-se porque “os sibilistas” inseriram, em seus escritos, numerosos oráculos antigos, que vaticinavam calamidades para diversas cidades e regiões do mundo helenístico. Este fato, era, por outro lado, como que uma vocação religiosa, sentida pela tradição profética de visões e prenúncios contra Babilônia, Assíria, Egito, Fenícia e outros povos idólatras.

A presença de tais antigos oráculos pagãos constitui o interesse dos oráculos sibilinos a nós chegados graças à tradição manuscrita da literatura e civilização clássica no sentido mais restrito; não porem sua real importância histórica, sobretudo no que diz respeito à Sibila dos judeus, por constituir esta um gênero de literatura popular, à moda de miuda propaganda. Importarão historicamente, é verdade, não enquanto literatura sibilina propriamente dita, mas enquanto ideal do judaísmo alexandrino, do qual resultaram.

Esta tradição teve, depois, continuadores em diversos autores cristãos, animados por idênticas intenções de seus precursores judeus. Isso torna difícil apurar com precisão quanto há de hebraico e quanto

(12). — São Paulo — *Epistola aos Romanos*, I, 18-32.

de cristão em cada livro da coleção a nós transmitida através da tradução manuscrita bastante complicada, e, indubitavelmente, tardia.

3.2. — Os livros I e II perfaziam, originariamente, sem sombra de dúvida, uma obra única. A história da humanidade, no livro I, chega a sexta geração e ao dilúvio (v. 1-323), e é retomada no livro II, mas já referindo-se à décima geração, quando fala dos sinais que prenunciam o fim. Alguns críticos são de opinião que esta “*Sibila Hebraica*” teria incorporado o relato do dilúvio (originário, por sua vez, da *Sibila Babilônica*), que se supõe ter pertencido antes ao atual livro III. Este desmembramento teria assim originado o livro II da atual coleção, incorporando-lhe o prólogo do livro III (v. 1-45).

A obra, de uma mão cristã, não isenta de interpolações de própria lavra, teria, destarte, desmembrado uma única obra, em duas distintas.

Outras interpolações, da mesma origem (cristã), evidenciam-se no livro II, com os versos do Pseudo-Focílides. Este remanejamento definitivo é aceito como sendo do século III, mesmo por aqueles que pretendem enxergar no domínio da mulher (e da viúva, III, 77) não já Zenóbia, mas uma figura apocalítica.

Outros fatos, porem, vem-nos permitir que se admita uma larga difusão destes oráculos, naturalmente sujeitos a alterações e remanejamentos. Sua própria natureza era, aliás, convidativa para acréscimos e alterações de toda espécie, conquanto servissem os ideais propostos: a conversão dos gentios.

Por outro lado, também com relação aos oráculos mais antigos, não se pode excluir *a priori*, a possibilidade de interpolações tardias, prejudicando assim sua autenticidade original, obra do seu primeiro autor. O mesmo deverá ter acontecido aos livros, que num primeiro momento circulavam isolados e que, ao depois, no piedoso afã de ve-los todos num *corpus*, sofreram a indubitável ação de um ou outro pregador de *pia fraus*, que não vacilou incorporar aos autênticos também aqueles de sua lavra ou produto do seu círculo.

3.3. — O mais antigo e importante destes livros é o III, sobre cuja composição muito se tem discutido. Interessante é o trecho que trata da Torre de Babel e da subsequente confusão das línguas, como também da interpretação evemérica (13) das lutas entre os crônidas e titãs. A análise crítica dos oráculos pagãos induziu os estudiosos a

(13). — Evémero, filósofo grego de Agrigento (século IV a. C.), explicava a mitologia pela história.

considerar este livro (III) como um ajuntamento de fragmentos de épocas diversas, mal ou em nada conexos. Em contrapartida houve reações, donde resultou um novo comportamento crítico, que redundou na pacífica aceitação de um caráter unitário e orgânico de longos trechos contidos no livro III.

A divergência mais profunda diz respeito à data (meados do II até I século a. C.), admitindo uns, inclusive, um remanejamento, talvez por ocasião em que o Senado romano enviara uma comissão em busca de novos oráculos sibilinos (*cf.* 2.2). Outros não hesitam admitir prioridade cronológica aos versos 1-45, que exaltam o Deus verdadeiro e apodam os idólatras.

3.4. — O livro IV, cuja unidade parece aceita pacificamente, é notável sobretudo por conter o testemunho mais antigo da lenda sobre Nero, cuja volta do alem-Eufrates é esperada imediatamente após a erupção do Vesúvio, estando o imperador à frente de um grande exército. A alusão à erupção do Vesúvio patenteia claramente os propósitos: castigo divino pela destruição do Templo de Jerusalém. Este particular levou os críticos a estabelecer uma data quer para a composição quer para o remanejamento da obra, originalmente afim com o livro III, em que se preconiza o fim do império da Itália (Roma) — com uma alusão à queda de Corinto — a exemplo dos quatro impérios (assírio, meda, persa, macedônico) já falidos.

3.5. — O livro V divide-se em duas partes distintas. Os primeiros 50 versos (ou 51) enumeram os imperadores que vão de Júlio César até Adriano (ou Marco Aurélio). Na segunda parte aparece Nero transformado em personagem satânica e em Anticristo (Antimessias). Neste livro vai ainda uma referência a um templo do Deus verdadeiro, no Egito. Esse templo é, sem dúvida, aquele de Leontópolis ou aquele do qual fala Isaias (14). O autor parece ser um judeu da época de Domiciano, que se utilizou de oráculos precedentes. Em seu fecho escatológico (v. 512-531) não há menção de um incêndio cósmico, seguido da ressurreição, do juízo final e bem-aventurança dos justos sobre a Terra (scatologia judaica), mas, pelo contrário, de uma batalha travada entre as estrelas, o que sugere uma peculiaridade gnóstica de fundo judaico. Teríamos, no caso, um exemplo típico de influência de crenças astrológicas, que teriam aliciado até os próprios “inabaláveis” judeus.

3.6. — O livro VI é um breve hino a Cristo, e revela influência de literatura cristã apócrifa.

(14). — Isaias XIX, 19: “Naquele tempo haverá um altar erguido ao Senhor, em pleno Egito, e, em suas fronteiras, um obelisco dedicado ao Senhor”.

3.7. — O livro VII é também cristão. Seu autor, segundo uns, seria um convertido, judeu de nascimento, e que não esconde os efeitos da crença de uma seita herética ainda não bem definida.

3.8. — O livro VIII, em sua primeira parte (v. 1-216), enumera, entre outras coisas, quinze imperadores romanos desde Júlio César até Adriano, e a “sexta geração dos reis latinos”, isto é, Marco Aurélio e Lúcio Vero.

A segunda parte (v. 217-501) contem o célebre acróstico de Cristo IESOYS XREISTOS THEOU YIOS SOTER, cujas iniciais dão por sua vez, IXTHYS (peixe) e STAUROS (cruz). O acróstico circulou independente antes da sua junção à primeira parte. O autor da primeira parte parece ser judeu; um cristão teria apenas remanejado o fecho. A segunda parte (cristã) remonta, ao que parece, à metade do século III.

3.9. — Os livros XI-XIV perfazem, em sua forma atual, um grupo à parte, ainda discutível e problemático. Tudo indica que tenham sido compostos em seguida, para dar continuidade ao relato da história do império.

3.10. — O livro XIII que chega até Galieno (253-260), é da autoria de um escritor contemporâneo dos fatos que relata.

3.11. — O livro XIV encerra, igualmente, na sua primeira parte, (v. 1-283) um “compêndio” de história do Império, de exuberante fantasia e incompreensível. A sua segunda parte, bem como uma interpolação no livro XIII, é atribuída por Scott a um autor dos meados do século VII. Críticos há, contudo, que discordam sobre a autoria judeu-cristã destes livros, circunscrevendo-os, porém, ao século III.

Diga-se, todavia, que, com esta coleção, não está, de todo, esgotada a literatura “sibilina”, visto ter sua tradição continuidade durante a Idade-Média bizantina e ocidental.

Particular importância assume a “*Sibila Tiburtina*” que, talvez, remonta, através de uma versão latina, do grego e de redações em línguas orientais (etíope e árabe), a um escrito do século IV, não sem ter sofrido remanejamentos. A longa e complexa história desta profecia, que exerceu influência inclusive sobre a *Völupsa* (15), nos conduz aos meios espirituais franciscanos, cujo representante, Tomas de Celano, lembra, no seu *Dies irae*, também o incêndio final (*solvet saeculum in favilla / teste David cum Sibylla*). A figura da “*Sibila*

(15). — Cf. *Der Grosse Brockhaus*, vol. 12, p. 252, col. 2.

Tiburtina” se entretece com aquela da Rainha de Sabá, como a lenda sobre Nero com a saga do imperador Frederico.

A figura da Sibila, por outro lado, continuou viva na tradição popular como prenunciadora de Cristo, como o foram os Profetas e outras Testemunhas.

* *
*

IV. — A SIBILA JUDAICA.

Diante deste estado de coisas o judeu crente e convencido da sua missão, não podia ficar como expectante e expectador. Porisso passou logo a se preocupar sobre a forma pela qual poderia atuar.

Desde longa data corriam no mundo helenístico as profecias atribuídas às Sibilas.

Quando um judeu amante do bem e da verdade queria dirigir aos gentios advertências e conselhos, fazia falar uma Sibila, profetisa do mundo idólatra, a fim de que se valorizassem as suas prédicas. Tomava o tom dos oráculos eritreus, procurava imitar o estilo tradicional da poesia profética dos gregos, lançava mão das ameaças versificadas que tanto impressionavam o povo, enquadrando-as em piedosos sermões. E é na Alexandria helenística onde muitos judeus moravam na “diáspora” que haveriam de renascer as Sibilas.

Apoderaram-se da literatura sibilina os judeus alexandrinos, para nela darem expressão aos seus sentimentos de indignação contra os gentios, no meio dos quais estavam condenados a viver.

O sibilismo nasceu precisamente no momento em que a opinião do tempo era que o ciclo dos profetas (hebreus) estava fechado e que mais ninguém poderia afagar a pretensão de os igualar.

De acordo com o papel tradicional das Sibilas, faziam-nas predizer todos os horrores da devastação que deviam cair sobre o mundo pagão, e faziam-nas anunciar a próxima vinda do esperado e apregoado Messias.

O autor que quisesse valorizar a autoridade do seu pensamento cobria-se sob a pseudônimo de um “filho dileto de Deus” e arrojamente lançava seu livro. Esse procedimento não provocava sombra de um escrúpulo ao falsificador, visto que ele sacrificava sua personalidade para lançar uma idéia como a conversão dos idólatras.

O público, na sua ignorância crítica, não podia levantar objeções. Em Alexandria e Roma, onde os judeus pretendiam exercer uma influência moral sobre os pagãos, os falsificadores escolheram precisamente a figura vaticinadora da Sibila a fim de pregar ao idólatras o deísmo e uns preceitos básicos, isto é, o judaísmo reduzido às proporções de uma lei natural.

A crítica literária e histórica moderna reputa com justiça serem estes produtos uma “*pia fraudus*” da qual se assenhoraram mais tarde inclusive os cristãos, para se queixarem das injustiças e perseguições que sofriam da parte dos pagãos.

As Sibilas deveriam então cultivar a falsificação, para apresentar ao mundo helenizado as idéias mosaicas com um cunho de autoridade. Só assim se explica por que estas “profecias” andavam nas mãos do público sob formas de depoimentos, prenhes de ameaças pressagiando catástrofes para diferentes países.

Tais vaticínios cujo efeito era decisivo sobre as imaginações, sobretudo quando as coincidências fortuitas os justificavam, eram escritos em hexâmetros épicos querendo imitar a tradição clássica desde Homero. Os falsificadores judeus adotaram os mesmos ritmos e para mais facilmente iludirem os crédulos, encheram os textos com algumas ameaças que se supunham terem sido profetizadas pelas virgens fatídicas da remota Antiguidade.

Em Alexandria, onde os judeus conheciam a literatura grega e onde pretendiam exercer uma influência intelectual e moral sobre os gentios, os falsificadores não podiam fazer a menos de recorrer à autoridade das Sibilas, atribuindo-lhes profecias no sentido de que a religião que os judeus pregavam, não era uma invenção judaica, mas já revelada nos textos que só um cego e um mau conhecedor do assunto poderia desconhecer.

Mais uma vez afirmamos que tais “fraudes” a ninguém repugnavam. Junto do fabrico judaico dos textos clássicos, cujo artifício consistia em por na boca de uma Sibila as máximas que se pretendiam divulgar, apareceu desde o século II a. C. um pseudo-sibilismo nesta corrente de idéias cujo teor, formosamente belo, passamos a transcrever:

‘Feliz o que adora o Deus grande, o que não foi moldado pelas mãos do homem, que não tem igrejas, que os mortais não podem ver, que as mãos não podem medir. Felizes os que rezam antes de comer e beber, que, a o olhar os templos, estremecem de

horror por ver os seus altares manchados com o sangue das hóstias sacrificadas. Apavoram-nos o assassinato, o ganho desonesto, o adultério e os crimes contra a natureza. Os outros homens, entregues à perversidade dos seus desejos, perseguem estes santos com os sarcasmos e as injúrias; na sua loucura acusam-nos de crimes que eles mesmos cometem, mas o juízo de Deus há de cumprir-se.

“Os ímpios serão precipitados nas trevas; os homens piedosos habitarão a terra fértil e terão graça e vida por obra do Espírito de Deus” (16).

O contraste entre o judaísmo e o mundo pagão era tão acentuado que se manifestava em tudo e por tudo. Tudo aquilo que constituía um valor religioso para os pagãos, era tido pelos judeus como abominável, e as coisas que os pagãos consideravam sem importância, eram tidas pelos judeus como objeto de piedade e devoção. O isolamento do judeu, o seu retraimento de laços matrimoniais com os gentios, sua abstinência de carne suína e de comidas quentes aos sábados, bem como a redução de sua vida ao círculo da comunidade eram tomados como atitudes hostis ao mundo que não fosse judeu:

“A terra toda e todos os mares estão cheios de ti, todo homem é-te hostil por causa dos teus costumes” (17);

são vaticínios atribuídos à Sibila com relação aos judeus.

A aliança que o povo de Deus alegava ter com o criador não passava aos olhos do mundo pagão de coisa ridícula e que causava espécie. A seriedade do judeu, sua ausência nos lugares de diversão, nos espetáculos de gladiadores, apareciam aos olhos dos outros como carecentes de qualquer sentimento. E não tardaram a surgir espíritos preconcebidos que consideravam o judaísmo como uma forma bárbara de superstição (18), pregador de ódio ao gênero humano (19).

O antagonismo mais acentuado entre a religião tradicional de seus pais e aquela do mundo pagão consubstanciava-se porém no desprezo do politeísmo antropomórfico, na idolatria portanto; na loucura per-

(16). — Ernest Renan — *Histoire des origines du Christianisme*. 2ª ed. Paris, Calmann Lévy, Éditeur, 1877, vol. V, p. 163 (= Carm. Sib. IV).

(17). — Carm. Sib. III, 272, *apud* Pierre Lévêque — *A Aventura Grega*. Tradução de Raul Miguel Rosado Fernandes. Lisboa, Rumos do Mundo, 1967, vol. III, p. 423.

(18). — Cícero — *Oratio pro L. Val. Flacco*, XXVIII.

(19). — Tácito — *Hist.* V, 5.

versa de alguns imperadores, no culto divino que se lhes prestava; na degenerescência do vínculo matrimonial; no amor pervertido da pedestria; no desmoronamento moral da família; nos torvelinhos das paixões bacanaes e, finalmente, nas superstições de que os pagãos eram presas.

Nos lugares onde a língua grega veio a facilitar a troca de idéias, como por exemplo no Egipto, na Síria, na Ásia Menor e na Grécia, chegou-se a sérios atritos de ordem espiritual entre judeus e pagãos. Nestas contendas, aliás muito naturais no convívio dos homens, claro está que o “zeloso” judeu levasse, de certa forma o paganismo ante o tribunal da “verdade”, assumindo assim uma atitude sublime em contraposição ao modo de pensar dos pagãos, salientando deste modo a baixaza do paganismo em relação à doutrina ético-moral-religiosa vivida e pregada por atitudes e palavras pelos judeus.

Já ficou dito que a escriturística judaica em nada podia influenciar sobre o espírito gentio, todo ele impregnado de uma cosmovisão tão diferente da judaica. A isso acresce a realidade indiscutível de cada um ser o produto do seu próprio ambiente sócio-religioso-cultural. Assim sendo, o gentio não podia acatar revelações do mundo estranho ao seu. O judeu, metido no apostolado sabia disso, e assim, recorre ao expediente já iniciado: revelar a sua religião com argumentos da profecia sibilina. A Sibila devia falar, manifestar, sacudir a alma do ouvinte.

Ouçamo-la, não importa se forjada, numa passagem que revela nitidamente as intenções propostas:

“Há um só Deus, infinito e eterno, Senhor do Universo, invisível, contudo percebendo todas as coisas apesar de não ser visto nunca por um ser mortal. Sim, haveis de expiar convenientemente a vossa loucura, pois deixastes de adorar o verdadeiro, o eterno Deus, como vos convinha; e ao invés de sacrificar a Ele as hecatombes, vós, sublimes, sacrificastes aos Dêmones, espíritos do Hades” (20).

Por ser o sibilismo o produto inteligente de intenções férteis para o mundo helenizado, não deixa o sagaz falsificador de se dirigir, pela boca da pseudo-Sibila, à Grécia, representante do paganismo:

(20). — Dr. Graetz — *Volkstümliche Geschichte der Juden*. Leipzig, Verlag von Oskar Leiner, (1888), vol. I, p. 625.

“Grécia, por que confias em soberanos mortais, incapazes de evitar a morte? Por que ofereces aos mortos dons inúteis e sacrifícios aos ídolos? Quem encheu tua alma deste erro, para que, com isto abandonasses o Deus grande?” (21).

Em contrapartida, porem, louva a Sibila a excelência de Israel:

“A divindade deu-lhes, a eles unicamente, sensato juízo e admiravel sentido; eles que não adoram, em futil engano, as imagens dos homens, inúteis ídolos feitos de ouro ou bronze, de marfim ou prata, nem seus simulacros de madeira ou pedra; nem adoraram estátuas de animais feitas de argila e pintadas de zarcão, como sempre faz o homem na sua insensatez; ao invés disso erguem suas puras mãos para o céu logo cedo e ainda no leito, e respeitam o Senhor, divindade eternamente onipotente, imorredoura, e seus próprios parentes, e a seguir pensam sobretudo nos homens que têm um leito puro; nem se misturam incastamente com meninos como fazem os fenícios, os egípcios, os latinos e os gregos por toda parte, e muitos outros povos: os persas, os gálatas e a Ásia toda, transgredindo a santa Lei do Imortal que eles desprezam” (21a).

A Sibila, a exemplo dos grandes Profetas Isaías e Miquéias, ergue-se para anunciar aos homens paz eterna e um reino de Deus messiânico, conquanto eles venham a reconhecer e adorar o Deus de Israel:

“Grécia infeliz, deixa finalmente de te erguer soberba. Invoça o Imortal, o Magnânimo, e toma cuidado. Serve ao Deus poderoso, porque o dia da recompensa chega para todo o homem justo, conforme a ordem de Deus. Não haverá mais guerra, estíagem sobre a terra. Não haverá mais fome nem granizo destruidor da colheita. Pelo contrário, reinará uma paz duradoura sobre toda a terra, e até o fim dos tempos um rei será amigo do outro; o Deus imortal há de, do alto firmamento, dominar os homens da terra toda por uma única lei” (22).

Nunca no mundo houve mais esperanças nem gozos mais deliciosos do que na época de Adriano (117-138). Um grande bem-estar dominava graças ao espírito liberal do imperador. Os próprios judeus

(21). — *Idem, ibidem*, vol. I, p. 625.

(21a). — *Idem, ibidem*, vol. I, p. 625.

(22). — *Idem, ibidem*, vol. I, p. 626.

compartilhavam desse bem-estar geral. Só os que viviam amontoados em Bether e nas aldeias do sul de Jerusalem deflagravam em sombria raiva. Só uma idéia os dominava: revolucionar as cidades cujo acesso lhes era proibido e glorificar a Colina votada a Deus com as honrarias tradicionais. Adriano, a princípio, não desagradou aos partidos moderados, especialmente aos sobreviventes das catástrofes do Egito no tempo de Trajano. Chegaram a imaginar que a morte de Quieto fora consequência das suas crueldades para com os judeus. Talvez concebessem a esperança de que a ressurreição de Israel seria mais um dos caprichos do Imperador. Um alexandrino de espírito piedoso recorreu, então, à forma já consagrada para inculcar essas idéias. Imaginou que uma Sibila, irmã de Isis, visionara as provações reservadas ao último século (23), e não resiste ao estalo de seu ódio contra Roma:

“Ó virgem, amolecida e opulenta filha de Roma latina, reduzida à condição de escrava ébria de vinho, que himeneus te estão reservados!”

“Quantas vezes uma dura senhora te arrancará os teus finos cabelos” (24).

O autor judeu considerava Roma a inimiga natural dos “Santos”. A sua admiração só envolve Adriano (25). Enumerando os imperadores romanos desde Cesar a Trajano por meio do processo anfigúrico (26), a Sibila vê subir ao trono “um homem de crânio de prata, cujo nome é de um mar” e ao qual “ninguém excederá em imperfeições”:

“Ele será onisciente: e no teu reinado, ó excelente, ó eminente, ó brilhante soberano, e sob a tua descendência que se passará o que vou relatar” (27).

Como de praxe, a Sibila traceja quadros sombrios, prevendo desencadeamento de todos os flagelos e a chegada dos homens ao crime de toda a perversidade. O vaticínio parece refletir a chegada do tempo: dor do parto messiânico. Nero, já falecido há mais de 50 anos, ainda é pesadelo do autor.

(23). — Ernest Renan — *Op. cit.*, 1879, vol. VI, p. 12.

(24). — *Idem, ibidem*, p. 31 (= *Carm. Sib.* III, 356-362).

(25). — *Idem, ibidem*, p. 13.

(26). — Discurso ou trecho escuro.

(27). — Ernest Renan — *Op. cit.*, vol. VI, p. 14 (= *Carm. Sib.* VIII, 50 et seq).

Esse dragão funesto, histrião e matador, assassino do povo eleito, atijador de guerras sem fim, tornará a vir para ser igual a Deus. Trama os maiores crimes entre os Medas e os Persas que o acolheram. Transportado aereamente pelas Parcas (28), será o novo flagelo do Ocidente:

“Instavel, perversa, com destino ao pior fim, início e fim do sofrimento, pois não é no teu seio que morre e incessantemente renasce a criação, origem do mal, flagelo e centro para onde convergem todos os mortais, quem te amou alguma vez? Quem te não odiará? Que rei destronado acabará em paz, dentro de ti, a sua vida respeitada? Tu revolveste o mundo nos mais íntimos re-folhos. Havia outrora na humanidade o clarão do sol brilhante, o raio do espírito unânime dos profetas, que a todos dava vida e alimento. Tu destruiste todo o bem. Eis porque sobre ti, imperial dominadora, origem e causa dos maiores males, cairão a espada e os desastres. . . . Escuta, flagelo dos homens, a voz que te anuncia a desgraça” (29).

Eis a invectiva do sibilista dirigida a Roma!

Ao quadro sombrio desta apóstrofe, faz o autor seguir um clarão de esperança:

“Então descera o céu um homem extraordinário, que abriu as mãos sobre um lenho frutificante, o melhor dos hebreus, que outrora fez parar o sol, com as lindas palavras dos seus santos lábios”.

Acreditamos não tratar-se aqui alegoricamente da figura de Cristo, como certos autores o pretendem, mas sim, do esperado Messias, desempenhando o papel de Moisés com os braços estendidos, de Josué, salvador do povo.

De resto, a Sibila judaica tornara-se também cristã sempre que as profecias tivessem algo em comum.

Nem nos parece descabido afirmar que o conteúdo dos Livros Sibilinos hebraicos tivessem passado a incorporar o sibilismo cristão por plágio.

(28). — As *Parcas* eram três divindades dos Infernos, senhoras da vida dos homens, cuja trama fiavam.

(29). — Ernest Renan — *Op. cit.*, vol. VI, p. 15.

A precedência cronológica deste tipo de literatura tão em voga entre o povo eleito é prova bastante para acreditarmos que a Sibila judaica confundira-se, ao depois, por "*pia fraus*", em cristã também.

Curioso é notar como o sibilista do ano 81-82, confirmado nas sombrias previsões pela erupção do Vesúvio, estimula a crença de Nero, vivendo além do Eufrates e anuncia o seu retorno como próximo. E quando a piedade, a fé e a justiça tiverem desaparecido, quando ninguém cuidar dos homens piedosos, que todos quererão matar, regozijando-se em insulta-los, atolando as mãos no seu sangue, então chegará a último termo a paciência divina, e, fremente de cólera, Deus aniquilará a raça humana com enorme incêndio:

“Ah! desgraçados mortais, mudai o vosso proceder; não leveis Deus ao extremo de sua cólera; abandonai as espadas, as questiúnculas, os assassinatos, a violência, e mergulhai o vosso corpo na água corrente; levantai vossas mãos aos ceus e pedi perdão para vossas culpas passadas e salvai-vos, pela oração, da vossa funesta impiedade. Então Deus abandonará a sua resolução e não vos perderá. Sua cólera abrandará, se vós cultivardes em vossos corações a preciosa piedade. Mas se persistis no erro, não obedecéis, se, acariciando a vossa loucura, não seguís as advertências, o fogo cairá sobre a terra, e aí vão os sinais da vossa destruição. Ao romper da aurora, espadas no céu e sonidos de trombetas; revolto num pavoroso mugido, será ouvido um estrépito terrível pelo mundo inteiro. O fogo queimará a terra; morrerá a raça humana; o universo será reduzido a pó negro. Quando tudo for cinza e Deus apagar o enorme incêndio, o Todo-Poderoso revestirá novamente os ossos e organizará os mortais como antigamente. Então haverá o juízo final e todos serão julgados. Os que foram ímpios serão cobertos com terra, precipitados nos abismos do sombrio Tártaro, a geena, irmã do Estiges. Os piedosos, porém, viverão no mundo de Deus eterno, na felicidade inextinguível, dando-lhes Deus a recompensa da sua piedade, o espírito, a vida e a graça. Então ver-se-ão uns aos outros, os olhos fitos na luz encantadora do sol que não tem ocaso. Feliz o homem que viver nesse tempo!” (30).

Esta fatídica visão do sibilista pode revelar correspondência com o *Apocalipse* de São João, e tanto Renan como os seus sequazes (31) vislumbram no autor dos versos citados um discípulo de Jesus. Não

(30). — *Idem, ibidem*, vol. V, p. 166-167.

(31). — *Idem, ibidem*, vol. V, p. 167.

nos parece que assim seja, pois, a crítica literária dos Livros Sibílicos atribui os cinco primeiros livros deste gênero a autor judeu, por onde, endossando o critério dos estudiosos, somos também nós adeptos da mesma corrente. De resto, quem conhece as humildes origens do Cristianismo e a baixa condição social e cultural dos primeiros cristãos, exclui “*a priori*” a autoria cristã dos cinco primeiros livros, também porque a temática cristã só começa a evidenciar-se a partir do sexto livro.

Coincidências de pensamentos comuns nada provam, porque judaísmo e cristianismo tinham muita coisa em comum, e assim sendo, é mais que natural que os cristãos se servissem de certos “lugares comuns” na propagação de sua fé.

Não poderia o sibílica judeu deixar de sublinhar as virtudes da Judéia, do seu povo e a graça divina que lhe toca:

“Não laceres mais teu coração, ó filha de raça divina, ó tesouro, ó flor imaculada, luz encantadora, planta esquisita, germe adorado, graciosa e bela filha da Judéia, sempre vibrante dos hinos inspirados. Não calcará teu solo o pé impuro dos gregos traiçoeiros; cercar-te-á o respeito dos teus filhos, que erguerão a ara ao som dos cânticos das musas santas, como sacrifícios e rezas piedosas. Os justos que suportaram as maiores angústias, terão mais felicidade do que os males sofridos. Os que, porem, blasfemaram, sacrilegamente, contra o céu, serão obrigados a calar-se e a esconder-se até que se mude a face do mundo. Uma chuva de fogo cairá das nuvens; os homens não colherão os louros frutos; não haverá mais sementeiras até que os homens reconheçam o Deus supremo e imortal e eterno, e que não mais adorem as coisas mortais, os cães e os abutres, a quem o Egito votou a homenagem das bocas profanas e dos lábios insensatos. Só a terra sagrada dos hebreus terá o que será recusado aos outros homens; sairão das fontes e dos arrois rios de mel, correrá para os justos o leite da ambrosia, porem eles esperam, com fé viva e ardente piedade, num só Deus, pai de todas as coisas, único, supremo” (32).

A aversão que o povo de Israel tinha por Roma é de tudo natural, pois é de Roma que lhe adveio a desgraça; é Roma o centro da perversidade, a “abominável”, a “Babilônia” a que tantas vezes os si-

(32). — *Idem, ibidem*, vol. VI, p. 16-17 (= *Carm. Sib. V*, 259 et seq.).

bilistas se referem, e que o próprio São João não deixa de assim apelá-la (33).

Morrerão todos os reis e todos os aristocratas a fim de que advenha a paz aos justos (judeus). Mais uma vez explode a alegria do sibilista ante a ruína de Roma, centro de todo mal:

“Parricidas, quebre-se o vosso orgulho culpado e a vossa soberba, vós que tendes para as crianças ósculos infames e encerrais em prostíbulos as virgens puras e as expondes aos maiores aviltamentos e às maiores violências. Emudece o teu riso, cidade maldita. Não mais encontrarão as virgens, no teu seio, o fogo divino, que elas conservam; porque se apagou esse fogo, guardado tão preciosamente, quando vi pela segunda vez cair outro templo, presa das chamas ateadas por mão impura, templo sempre florescente, santuário permanente de Deus, obra dos santos, incorruptível por toda a eternidade . . . Não é um deus de argila que essa raça adora; nela, o obreiro habil não aperfeiçoa o mármore; não é objeto de culto o ouro sedutor das almas. Eles honram pelo santo sacrifício, pelas hecatombes sagradas, o Deus grande sujo sopro tudo anima” (34).

Não resta dúvida de que os sibilistas, na anunciação do seu Deus tenham assumido as devidas cautelas que consistiriam em anuncia-lo em termos de “Criador de todas as coisas”.

A cosmogênese, no mundo pagão, revestia-se de supersticiosas mitologias. Conseguindo o derrubamento das crenças mitológicas relativas à criação, claro está que o primeiro passo para a conversão já estava feito: a aceitação de um Criador em consonância com o pensamento monoteísta, logo bíblico.

Ouçamos a Sibila:

“O que acontece, aconteceu e acontecerá no mundo por causa da maldade dos homens desde a origem do homem mortal até a última geração, hei de anunciar tudo. Em primeiro lugar recebi de Deus a tarefa de anunciar a criação do mundo” (35).

(33). — São João — *Apocalipse*, 16, 19; 17,5.

(34). — *Idem, ibidem*, vol. VI, p. 17-18 (Carm. Sib. V, 360 et seq.).

(35). — T. K. Osterreich — *Les Possédés*. Traduit de l'allemand par René Sudre. Paris, Payot, 1927, p. 409-410.

A Sibila volta ao tema que Deus é o Senhor do mundo, Rei de todos os reinos:

“Senhor do mundo e Rei de todos os reinos, inatingível, imortal, Tu me tomaste o coração por teu hino eterno, que anuncia a dominação sobre todos os reinos” (36).

A Sibila retoma o tema iniciado, quando exclama:

“Tu que lanças o castigo das alturas, Bem-aventurado, tu que tens os querubins por trono... coisas completamente novas vou dizer, que Deus manda anuncia-las para que eu as revele aos homens” (37).

O judeu sentia orgulho da missão de anunciar e levar ao mundo algo que interessasse a toda a humanidade: o Deus único e a sua santa Lei moral; e desta sua consciência emanava para ele o dever do apóstolado.

Com a dispersão do judaísmo pelo mundo inteiro, chegara o momento de Israel se arvorar em mestre do mundo, enveredando os povos nos caminhos do seu Deus. Esse pressuposto histórico parece ter levado o Apóstolo Paulo a apostrofar o judeu da dispersão em geral, e o de Roma em particular:

“Mas tu que és chamado judeu e te apoias na lei, e te glorias de teu Deus; tu, que sabes a sua vontade, e instruído pela Lei sabes aquilatar a diferença das coisas; tu que presumes ser guia dos cegos, luzeiro dos que estão em trevas, doutor dos ignorantes, mestre dos simples, porque encontras na Lei a regra da ciência e da verdade” (38).

A diáspora intensificou a propaganda integral ou parcial da sua religião pelo sibilismo para torna-la simpática aos olhos dos gentios. De outro modo não seria possível uma aproximação mais achegada e sua missão anunciadora estagnar-se-ia num reduto insignificante de “eleitos” à inútil espera de convertidos. Essa conscientização missionária se vitalizou sobre os alicerces escriturísticos. O antigo profeta Isaías já se pronunciara acerca da missão do “servo de Javé”:

(36). — *Idem, ibidem*, p. 411.

(37). — *Idem, ibidem*, p. 411.

(38). — São Paulo — *Epístola aos Romanos*, II, 17-20.

“...; vou fazer de ti a luz das nações, para propagar minha salvação até os confins do mundo” (39).

No desempenho dessa missão redentora o “servo de Javé” deveria passar, conforme a profecia, pelo crisol das perseguições, do escárnio e dos vexames (40).

O judeu da diáspora percebera que era precisamente ele o alvo sobre o qual recaíam todas as previsões anunciadas pelo Profeta. Urgia, pois, trabalhar, porque esses sinais caracterizavam a chegada próxima do triunfo universal. O clima de esperança para um futuro esplendor de Jerusalem e de Sião como centro messiânico advinha também da consciência de duas passagens bíblicas, uma de Isaías, outra de Miquéias:

“Para aí acorrerão as gentes, e os povos dirão eles, subamos à montanha do Senhor, ele nos ensinará seus caminhos, porque de Sião deve sair a lei e de Jerusalem a palavra do Senhor” (41).

“Acontecerá, no fim dos tempos, que a montanha da casa do Senhor será estabelecida à frente dos (outros) montes, e será mais elevada que todos os outeiros. Os povos afluirão ali, numerosas nações ali virão dizendo: “Vinde, subamos à montanha do Senhor, à casa do Deus de Jacó. Ele nos ensinará os seus caminhos, e andaremos por suas veredas. Porque de Sião sairá a doutrina, e de Jerusalem a palavra do Senhor” (42).

O mundo greco-romano não oferecia mais, na sua trajetória espiritual, aquela satisfação interna que a religião deveria necessariamente dar. O sibilismo surgiu precisamente no momento de crise religiosa, quando, apesar de uma maioria indiferente ou conformada com o estado das coisas, havia uma outra minoria sedenta de verdade transcendente que se interessava pela nova religião.

No mundo helênico falava-se de uma “*Soteria*” religiosa. Não é, pois, difícil de imaginar como o judaísmo encontrasse entre esses espíritos irrequietos campo favorável para o proselitismo. Não há negar que o meio de propagação mais eficiente fosse a princípio a litera-

(39). — Isaías, 49, 6.

(40). — Isaías, 50, 6; 52, 13; 53, 11.

(41). — Isaías, 50, 6.

(42). — Isaías, 50, 6. Cf. Miséias, 4, 1-2.

tura sibilina e que nela se vitalizou a conscientização missionária do “servo de Javé” entre os gentios.

O sucesso da propaganda devia ter atingido efeitos, pois, onde quer que os judeus se tenham estabelecido, muitos dos seus costumes e tradições foram assimilados pelos gentios. E se dermos crédito às palavras de Sêneca, teremos prova do “mimetismo” que tinha raízes judias:

“Illi (i. é. os judeus) tamen causas ritus sui noverunt; maior pars populi (i. é. não judeus) facit, quod cur faciat ignorat” (43).

De resto, ainda antes Flávio Josefo, embora propenso ao exagero, escrevera a respeito:

“...; neque ulla vel Graecorum urbs est vel barbarorum, neque ulla gens, ad quam non pervenit septimi diei, quem otiosi traducimus, celebrandi consuetudo; et apud quam ieiunia, et lucernarum incensiones, et multa quae nobis comedere nefas est non observentur” (44).

Destas passagens podemos concluir que a influência global deve ter sido grande.

Com o sibilismo a diáspora intensificou a propaganda integral ou parcial da sua religião para torna-la simpática aos olhos dos gentios. Doutro modo não seria possível uma aproximação mais achegada, e sua missão anunciadora estagnar-se-ia num reduto insignificante de “convertidos”.

Pode-se, portanto, afirmar que o sibilismo é, em sua essência, o primeiro estágio de uma tentativa de conversão e que os fins visados se consubstanciam numa lenta metamorfose da alma do ouvinte, que depois de trabalhada pela “evidência” das revelações proféticas, saídas da boca de seres de indiscutível autoridade (as Sibilas), aspiraria à integração, à religião verdadeira. Pasmado de “tanta verdade”, o gentio procuraria, naturalmente, a plenitude das promessas encontrando-as, ao depois, nos Livros Sagrados e nas Leis mosaicas.

Expediente lento, sem dúvida, este, mas o único capaz de produzir os efeitos desejados. Belo exemplo de psicologia religiosa, reflexo de inteligência, perspicácia e paciência do povo que por missão divina tinha que “renovar a face da terra”.

(43). — Santo Agostinho — *De civ. Dei*, VI, 11.

(44). — Flávio Josefo — *Contra Apionem*, II, 39; cf. Edward H. Flanery — *A Angústia dos Judeus*. São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1968, p. 32.